

A SEMANA – 102

John Gledson

Nesse momento em que começavam a funcionar as instituições da República, Machado sublinha os empecilhos ao seu funcionamento regular – a Câmara não acabava de se constituir, e quando finalmente se constituiu, não funcionou por vários dias por “falta de número” (*quorum*, diríamos hoje). O Conselho Municipal continua dando matéria para piadas e críticas em tom menor, as mais das vezes sobre a ingenuidade e falta de prática dos intendentess. A anedota sobre o fogo na roupa do padre, por engraçada que seja, faz uma entrada um pouco forçada (e esticada?) na crônica – talvez para suprir o interesse que faltava aos assuntos.



A SEMANA

13 de maio de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Escreveu um grande pensador, que a última coisa que se acha, quando se faz uma obra, é saber qual é a que se há de pôr em primeiro lugar.¹ A câmara dos deputados, com a escolha do presidente, prova que esta máxima pode ser também política.² E eu gosto de ver a política entrar pela literatura; anima a literatura a entrar na política, e dessa troca de visitas é que saem as amizades. Mas ser amigo não é intervir no governo da casa dos outros. Os sonetos podem continuar a ser feitos sem o regimento da câmara, e os discursos, uma vez que sejam eloquentes, claros, sinceros, patrióticos, não precisam de arabescos literários. Portanto, aqui me fico, em relação ao presidente, atestando pela coincidência que o dito de Pascal não é tão limitado como ele supunha.

Já não faço a mesma coisa com relação ao presidente do conselho municipal.³ Releve o digno representante do nosso distrito que lhe diga: acho que, para presidente, faz amiudados discursos. Ainda esta semana, deixou a cadeira presidencial para discutir um projeto. Não acho estético. A estética é o único lado por onde vejo os negócios públicos; não sei de praxes nem regras. É possível até que as regras e praxes fundamentem o meu modo de ver, mas eu fico na estética.

Note-se que, a respeito do Instituto Comercial, talvez tenha alguma razão o presidente. Não li o projeto; mas pode ser que haja ensino demais, sem que eu queira com isto aceitar o gracioso exemplo alegado por um intendente, a saber: que os

¹ Blaise Pascal (1623-1662), *Pensées* I, 19: “La dernière chose qu’on trouve en faisant un ouvrage est de savoir celle qu’il faut mettre la première.”

² Apesar de aberta desde o dia 7 de maio, a Câmara novamente não trabalhou nessa semana, por falta de número legal. No dia 11 (sexta-feira) há na *Gazeta* a nota seguinte: “Segundo ouvimos, está resolvido por grande número de Srs. Deputados, a mesa da respectiva Câmara: Presidente, Rosa e Silva (...)”. Foi anunciada a eleição de Francisco de Assis Rosa e Silva (1856-1929), que em 1898 veio a ser vice-presidente da República.

³ O presidente do Conselho Municipal era o sr. Maia de Lacerda. No dia 9 de maio, discutiu-se um “projeto criando uma escola de comércio para instrução prática e teórica para os que se destinam àquela profissão”, em que ele interveio, protestando que numa instituição dessas só era preciso ensinar coisas práticas.

açougueiros,⁴ sem estudos acadêmicos, sabem muito bem que um quilo pesa setecentas e cinquenta gramas. Isto apenas mostra vocação. Há vocações sem estudos. Mas os estudos servem justamente para afiar, armar, dar asas às vocações. Um homem que, além de conhecer o peso prático do quilo, souber cientificamente que a lebre é uma exageração do gato, exageração inútil, e acaso perigosa, renovará a alimentação pública sem deixar de enriquecer.

Quaisquer, porém, que sejam as opiniões, insisto em que o presidente deve presidir. Uma das qualidades do cargo é a impassibilidade. O senador Nabuco, combatendo um dia a intervenção imperial na luta dos partidos, citou o lance do poema de Homero, quando Vênus desce entre os combatentes e sai ferida por um deles. O poder moderador é a Vênus, concluiu Nabuco.⁵ Sabe-se que esse ilustre jurisconsulto intercalava o Pegas com Homero, e chegava ao extremo (desconfio) de achar Homero ainda superior ao Pegas. Eu, sem conhecer o Pegas, sou de igual opinião. Apliquemos a comparação ao nosso caso; é a mesma coisa. A presidência precisa ser, não só imparcial, mas impassível.

Ah! não falemos de impassibilidade, que me faz lembrar um caso ocorrido na matriz da Glória.⁶ Imaginai que era a hora da missa. Havia na igreja pouca gente, era cedo, umas vinte pessoas ao todo. Senhoras ajoelhadas, outras sentadas, homens em pé, esperando. Profundo silêncio. Eis⁷ aparece o sacristão,⁸ com uma toalha. Imediatamente, algumas senhoras⁹ que estavam orando, mudaram de lugar e foram ajoelhar-se mais acima, em fila. O sacristão estendeu diante delas a toalha, em que cada uma pegou com os dedos. Já percebeis que iam comungar.

Desaparece o sacristão, e torna alguns segundos depois, acompanhando o padre. Conheceis a cerimônia; não é preciso entrar em minudências. O padre foi buscar o cibório. Chegou às penitentes, tendo ao lado o sacristão com uma tocha acesa. Também conheceis o gesto e as palavras: *Senhor, eu não sou digno*, etc. Ia já na terceira

⁴ Esta vírgula não está no jornal. Aurélio também faz a correção.

⁵ José Tomás Nabuco de Araújo (1813-1878), político, ministro de Justiça em vários gabinetes, pai de Joaquim Nabuco e assunto de seu *Um estadista do império*. Não encontrei este trecho de discurso; mas é típico do senador, sempre preocupado, sobretudo na crise de julho de 1868, com as contradições inerentes ao Poder Moderador, que não podia escolher um partido ou outro sem ser acusado de favoritismo, num país onde o eleitorado não tinha escolha própria, já que os partidos, uma vez escolhidos, “faziam” as eleições. A mistura da cultura clássica e da realidade cotidiana brasileira, do local e do universal, também é típico da figura de Nabuco de Araújo na visão de Machado (ver, por exemplo, “Notas semanais”, crônica de 9 de junho de 1878, seção III, e a introdução ao volume, p. 52-53). O trecho referido da *Iliada* está no livro V, linhas 311 ss., em que Vênus (nome latino de Afrodite) intervém na contenda entre gregos e troianos para resgatar seu filho Eneias. Como ela não está habituada à guerra, fica ferida por Diomedes, e volta ao Olimpo. Pegas, derivado do nome de um jurisconsulto português, é sinônimo de “advogado chicaneiro.”

⁶ A igreja da matriz da Glória domina o Largo do Machado, no Catete.

⁷ Aurélio acrescenta aqui um “que”, que não está na *Gazeta*.

⁸ Aurélio não reproduz esta vírgula.

⁹ Aurélio acrescenta aqui uma vírgula, que não está na *Gazeta*.

penitente, quando sucedeu uma coisa extraordinária. Aqui é que eu quisera ver trabalhar a imaginação das pessoas que me leem. Cada qual adivinhará a seu modo o que poderá ter acontecido, quando o padre ia dando a sagrada partícula à penitente. Trabalhai, dramaturgos e romancistas; forjai de cabeça mil coisas novas ou complicadas, escandalosas ou terríveis, e ainda assim não atinareis com o que sucedeu na matriz da Glória, naquele instante em que o padre ia dar à penitente a sagrada partícula.

Sucedeu isto: o sacristão distraiu-se, ou fraqueou-lhe a mão, inclinou a tocha, e a manga da sobrepeliz do padre pegou fogo. O melhor modo de julgar um caso é pô-lo em si. Que farias tu? Fogo não brinca nem espera. Tu saltavas; adeus, cibório! adeus, partículas! penitentes, adeus! E se não te acudissem a tempo, o fogo ia andando, voando, podias morrer queimado, que é das piores mortes deste mundo, onde só é boa a de César.¹⁰ Pois foi o contrário, meu amigo.

O padre viu o fogo e não se mexeu, não deixou cair a partícula dos dedos, nem o cibório da mão, não deu um passo, não fez um gesto. Disse apenas ao sacristão, em voz baixinha: “Apague”. E o sacristão, atarantado, às pressas, com as mãos tratou de abafar o fogo que ia subindo. O padre olhava só, esperando. Quando o fogo morreu, inclinou-se para a penitente e continuou tranquilo: *Senhor, eu não sou digno...*

Padre que eu não conheço, recebe daqui as minhas invejas, se essa impassibilidade é o teu estado ordinário. Se foi ato de virtude, esforço do espírito sobre o corpo, pela consciência da santidade do ofício e da gravidade do momento, és também invejável, e relativamente mais invejável. Mas eu contento-me com o menos, padre amigo. Basta-me a impassibilidade natural, não ser abalado por nenhuma coisa, nem do céu nem da terra, nem por fogo nem por água. Esta é meia liberdade, meu caro levita do Senhor, ou antes toda, se é certo que não a há inteira; mas eu não estou aqui para discutir questões árduas ou insolúveis.

Mire-se no espelho que aí lhe deixo, o presidente do conselho municipal. Quando a discussão lhe fizer o mesmo efeito da chama na sobrepeliz do padre da Glória, não deixe a cadeira para atalhar o incêndio; diga ao sacristão que apague. O sacristão dos leigos é o tempo. Não me retruque que não pode. Ainda agora um digno intendente, entrando em última discussão este último artigo de um projeto: *Ficam revogadas as disposições em contrário*, pediu a palavra para examinar todo o projeto, confessando nobremente, lealmente, que, quando se discutiram os outros artigos, estava distraído.¹¹ Ora, eu não li que o presidente redarguisse com afabilidade e oportunidade:

¹⁰ Suponho que a morte de César é a única boa porque é súbita e inesperada.

¹¹ No dia 10 de maio, segundo a reportagem do *Jornal do Commercio*, p. 2, o sr. Alfredo Barcelos interveio dizendo que não estivera presente durante boa parte da discussão (sobre um projeto para uma nova bandeira para o município do Rio), e disse ainda: “e agora, estando distraído ao discutir-se os artigos 1º a 4º, já encerrados, vi que não tinha outra ocasião para falar de todo o projeto senão referindo-me ao artigo 5º que diz: *Ficam revogadas as disposições em contrário.*” Continuou dando sua opinião. No fim, não votaram por falta de número legal.

“Mas, meu caro colega, nós não estamos aqui para nos distrairmos.” Salvo se o taquígrafo eliminou por sua conta o reparo; mas se os taquígrafos passam a governar os debates, melhor é que componham logo os discursos e os atribuam a quem quiser. Os supostos oradores farão apenas os gestos. Quem sabe? Será talvez a última perfeição dos corpos legislativos.

